



## **“CARTAS DE LEITORES”: IMPRESSÕES DE ADOLPHE FERRIÈRE SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS (1931)**

Raquel Lopes Pires <sup>1</sup>  
Daise Silva dos Santos <sup>2</sup>

### **RESUMO**

Compreender a publicação da carta de Adolphe Ferrière a respeito da educação brasileira no jornal *Diário de Notícias* em 1931, é o objetivo deste trabalho. Após uma frustrante passagem pelo Brasil no ano anterior, o educador suíço manteve contato com o então Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos. Na missiva transcrita no *Diário de Notícias*, são apresentados seus comentários a respeito de informações obtidas acerca dos trabalhos educacionais realizados no Brasil no período, além de mencionar interesse num possível retorno. Divulgada em um periódico de grande destaque e circulação na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, contava com a “Página de Educação” e a coluna “Cartas de Leitores” na qual eram expostas as opiniões de profissionais da educação a respeito das reformas educacionais empreendidas na cidade. Essa pesquisa se fundamenta nos estudos de Mignot e Gondra (2007), Mignot (2016), Chartier (1996) e Lôbo (2010) a fim de, respectivamente, discutir o empreendimento de viagem que possivelmente viabilizou o contato entre os dois sujeitos, as cartas de leitores enviadas para a edição jornalística, as possíveis intencionalidades editoriais e algumas das características da “Página de Educação”. Nesse sentido, tentamos evidenciar as impressões da educação brasileira que circulou nesse jornal carioca e cuja autoria foi atribuída a Ferrière.

**Palavras-chave:** Viagens, Escola Nova, Reforma Educacional, *Diário de Notícias*, História da Educação.

### **INTRODUÇÃO**

Compreender a publicação da carta de Adolphe Ferrière (1879-1960)<sup>3</sup> a respeito da educação brasileira no jornal *Diário de Notícias* em 1931, é o objetivo deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, [rlopes.pires@gmail.com](mailto:rlopes.pires@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora da Rede Municipal de Duque de Caxias. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [daisesilva90@hotmail.com](mailto:daisesilva90@hotmail.com);

<sup>3</sup> O educador suíço ajudou a idealizar e divulgar o movimento escolanovista europeu. Dentre os feitos que dão destaque a sua carreira, estão a colaboração na criação do *Institut Jean Jacques Rousseau*, em outubro de 1912; a redação dos 30 pontos da Educação Nova, publicado no livro de Faria de Vasconcelos, *Une École Nouvelle en Belgique*, em 1915; a criação da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle*, em 1921, durante o *I Congrès International de*



Apesar de já manter contato com representantes do sistema educacional brasileiro<sup>4</sup>, é somente no ano de 1930 que o educador suíço consegue empreender uma maior aproximação com o Brasil. Na busca por estreitar laços com a América Latina, de abril a outubro do referido ano, Ferrière percorreu o Equador, Peru, Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai. O último país a ser visitado seria o Brasil, o que não aconteceu em decorrência da eclosão da Revolução de 1930. Ancorado no porto da cidade do Rio de Janeiro, o educador recebeu, por telefone, o comunicado do acontecimento político e que deveria retornar à Europa (CARVALHO, 2007). Assim, seguiu viagem para Portugal e Espanha, antes de chegar na Suíça.

As viagens de educadores foram uma importante estratégia para difusão das ideias do movimento escolanovista. No Brasil, segundo Mignot e Gondra (2007, p. 8), “[...] houve uma busca por operar mudanças na educação nacional, tomando como parâmetro experiências realizadas no estrangeiro”, sendo assim “educadores de um modo geral e reformadores, em especial, lançaram mão de uma série de estratégias para se aproximarem do que havia de mais moderno em termos de educação”. O que resultou, também, na presença de inúmeros educadores em solo brasileiro.

Mesmo que não tenha conseguido traçar o plano que havia elaborado, manteve contato, dentre outros, com o então Ministro da Educação e Saúde Francisco Campos (1891-1968). Na missiva de 03 de abril de 1931<sup>5</sup>, Ferrière demonstrou sua “profunda admiração pelos magníficos progressos que esta[vam] o Brasil em via de realizar nos domínios da instrução pública” (BUREAU..., *Diário de Notícias*, 03/08/1931, p. 7)<sup>6</sup>. Além disso, demonstra grande interesse em voltar ao país caso um novo convite lhe fosse feito.

A carta de Ferrière foi publicada em um importante jornal do país na década de 1930, o *Diário de Notícias*. Fundado em junho de 1930 por Orlando Vilar Ribeiro Dantas, era um periódico diário e matutino. De acordo com Barbosa (2007), o jornal apoiou a

---

*l'Éducation Nouvelle*, em Calais, França; e a chefia da redação da revista *Pour l'Ère Nouvelle*, órgão francófono de divulgação do movimento europeu. Também foi professor, mas após ficar completamente surdo, aos 42 anos, resolveu dedicar-se à vida pública na qual achava que tinha vocação e assim envolveu-se com muitas outras causas de cunho educacional.

<sup>4</sup> Como Antonio Carneiro Leão, Laura Jacobina Lacombe, Lourenço Filho, entre outros.

<sup>5</sup> Publicada na edição 00294.

<sup>6</sup> Todas as vezes que citarmos o conteúdo da carta, obedeceremos a grafia original.



Aliança Liberal e a Revolução de 1930, após distanciar-se do governo em 1932, passou a sofrer censura, o que levou até mesmo a prisão de Orlando Dantas.

Com tanto envolvimento e opiniões acerca da política brasileira não poderia deixar de dar espaço a outras discussões que também estivessem ligadas ao cunho político, segundo Lamego (1996, p. 28) “[...] o interesse pela educação no ano de 1930 despertava não só a classe média emergente (que pretendia através do ensino ampliar seu espaço público de ação, até então dominado por uma elite aristocrática) mas também a classe política”. Sendo assim, surge a “Página de Educação”, espaço onde a educadora Cecília Meirelles tinha como objetivo “propor o desenvolvimento da educação popular, examinar questões pedagógicas e apresentar ao público o noticiário de ensino, acompanhado ou não de comentários” (LÔBO, 2010, p. 21).

Em sua formação estavam notas editoriais, reportagens ilustradas, propagandas, resenhas bibliográficas, notícias do movimento educacional nacional e internacional, além de, diariamente, “um ou mais artigos de colaboração, firmados por especialistas de reconhecido valor, entre os quais figuram notabilidades europeias e americanas” (LÔBO, 2010, p. 22). Na época em que esteve na direção da página Cecília Meirelles se mantinha politicamente neutra e dedicava-se a escrita de poemas, que lhe possibilitava mais abertura para o desenvolvimento do projeto que iniciara. Como se baseava na convicção de que a educação deveria tomar novos rumos, Lamego (1996, p. 31), em seu estudo sobre a educadora, pôde afirmar que “ao longo dos três anos de existência da ‘Página de Educação’, percebemos que o espaço editado por Meirelles foi o grande porta-voz da chamada Escola Nova, uma teoria pedagógica baseada em conceitos norte-americanos, alemães e franceses”.

A página contava com a coluna “Cartas de Leitores”, um espaço que procurava publicizar os comentários daqueles que estavam de alguma forma ligados a educação no país, sendo principalmente seus profissionais. O espaço contava com escritos ligados a várias áreas da educação, nas quais as pessoas poderiam opinar “sobre a legislação do ensino, a arquitetura escolar, os métodos de ensino, o recrutamento de professores e a carreira do magistério” (MIGNOT, 2013, p. 6). Com as opiniões dos integrantes do corpo docente era possível observar se estavam se adaptando ou resistindo as reformas.

Segundo Mignot (2016) as cartas de leitores têm papel importante para todos aqueles que se propõem a escrevê-las, pois os mesmos acreditam estarem sendo, de



alguma forma, participantes daquilo que está sendo proposto e, conseqüentemente, contribuintes para a melhoria do mesmo. Ou seja, “cartas de leitores, diferentemente das cartas íntimas que encurtam distâncias, amenizam saudades e guardam segredos, têm outros códigos, outros sentidos, outras intenções”, pois “são produzidas por sujeitos que encontram nas páginas dos jornais espaço para vazão às suas queixas, reclamações, frustrações, denúncias e proposições” (MIGNOT, 2016, p. 6).

Os educadores que escreviam suas cartas para esta coluna, provavelmente tinham a intenção de conseguir melhorar/contribuir cada vez mais as propostas educacionais as quais estavam começando a fazer parte. Era um espaço onde acreditavam ter “voz” e assim tanto as suas propostas quanto as suas angústias poderiam ser atendidas. As realidades constadas nas cartas eram uma forma destes leitores, e educadores, fazerem uma espécie de relato, de escrita de si, onde demonstra seus próprios valores acerca daquilo que achavam melhor para a educação.

Contar com a escrita de uma personalidade que influenciava diretamente o movimento reformador, na qual o país se voltava, era uma excelente estratégia de alimentar os conteúdos do noticiário, de conquistar cada vez mais adeptos e novos leitores. A página se firmava em conteúdos escritos por grandes nomes do movimento escolanovista e assim era importante que este destaque estivesse inserido em diferentes partes da mesma.

## **SERIA FERRIÈRE UM LEITOR?**

O que acabava não sendo levado em consideração, ou até mesmo não era sabido, pelos leitores, era que antes de serem publicadas essas cartas passavam pelas mãos dos redatores do jornal e isso poderia interferir em uma série de questões, principalmente no conteúdo que realmente seria exposto ao público. Uma vez que “a imprensa, não é o espelho da realidade, mas uma representação do real, de momentos particulares da realidade” (CAPELATO, 1988, p. 24 apud LEITE, 2014, p. 825). Em um contexto de mudanças no país<sup>7</sup>, as críticas as quais o jornal estava inclinado influenciariam de forma

---

<sup>7</sup> No ano de 1930 a arena política brasileira ficou marcada por alguns conflitos. Dentre eles, a eleição de Julio Prestes, que indicava uma ruptura com os acordos que até então eram realizados na política do café com leite. Naquele momento, o Diário de Notícias apoiou as articulações políticas de Getulio Vargas e a deposição do então presidente, Washington Luís.



direta sobre o conteúdo que faria parte das edições. Nessas missivas não seria diferente e vale destacar que, em meio a inúmeras enviadas, provavelmente, as escolhidas seriam aquelas que estavam de acordo com as propostas políticas do jornal.

As articulações presentes na formação desses impressos não são livres de intencionalidades. Na tentativa de se obter uma maior circulação e consolidação no campo, seus editores lançam mão de diferentes estratégias, pois “é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chegará até seu leitor” (CHARTIER, 1995, p. 220). Dentre elas o perfil de público que a equipe editorial supõe que obtém e o que pretende que ela seja/se torne. Chartier (1996, p. 98), então, chama atenção para o trabalho tipográfico explicando que “os dispositivos tipográficos têm, tanta importância ou até mais do que os sinais textuais, pois são eles que dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto”, uma vez que “permitem um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mutações de horizontes de expectativa do público e propondo novas significações além daquelas que o autor pretendia impor e seus primeiros leitores”.

A escrita dos textos presentes nos periódicos também é elaborada com intencionalidades que propõem diferentes “protocolos de leitura” uma vez que instruem seus leitores formas de ler, manusear e estudá-las. Vemos, assim, que não cabe ao leitor apenas ir direto ao texto e ler o conteúdo que lhe é interessante naquele momento, mas se apropriar de todo o conjunto que o material lhe oferece, pois, “o[s] protocolo[s] de leitura definem quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal” (CHARTIER, 1996, p. 20). Ainda sobre esses “protocolos de leitura”, Chartier (1996, p. 96) aponta que as instruções contidas nos periódicos são dispostas, divididas e cruzadas com outras informações, que estão ligadas a impressão jornalística na possível tentativa de instruir os modos como o leitor deve se apropriar do conteúdo. O que pode sugerir um movimento diferente do intencionado pelo autor.

Autor e editor estabelecem um ideal de leitor criando, durante a execução da obra, pressupostos que o encaminharão para o alcance do que eles almejam. Fato que não tem garantia de que ocorra. Ao contrário, Chartier (1996, p. 78) sinaliza que “as significações dos textos, quaisquer que sejam, são constituídas, diferentemente, pelas leituras que se



apoderam deles” o que permite entender que cada leitor o interpretará de uma maneira e se apropriará de diferentes dimensões que lhes sejam úteis naquele momento sendo “uma prática criadora, inventiva, produtora”. Michel de Certeau (1998) vai além ao afirmar que os textos são construídos na interação autor/leitor, que ocupam lugares diferentes. Este último, por sua vez, então inventa sentidos diferentes do que os provavelmente aspirados inicialmente pelos primeiros. Ou seja, apesar de não necessariamente conseguirem orientar a produção de sentidos que desejam, é possível sim conduzir o leitor por alguns caminhos sem que ele se dê conta disso.

A imprensa, como nos dias atuais, era um meio muito utilizado a fim de dar visibilidade aquilo que se desejava alcançar. Para Faria Filho (2002, p. 134) “o jornal foi visto como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes. Sobretudo os jornais foram vistos como importante estratégia educativa”. No caso da passagem do educador genebrino, noticiar esse novo convite poderia ajudar na tentativa de conseguir maior notoriedade e conhecimento das suas propostas, de modo que quando a viagem se efetivasse, mais adeptos estivessem presentes em suas conferências, assim como “prontos” para se utilizarem das propostas lançadas e sugeridas por ele. A publicidade nas páginas dos jornais também poderia se tornar um facilitador na possível estadia do educador e nos novos contatos e parcerias que faria logo que chegasse, considerando que não ficaria em apenas um estado. Por isso a importância de se utilizar esse meio para ampliar o número de conhecedores de uma possível nova viagem para o Brasil.

## VISÃO A RESPEITO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Apesar de já conhecer um pouco sobre o sistema educacional brasileiro e de já ter contatos com algumas personalidades importantes neste segmento para o país, Ferrière ainda não havia conhecido pessoalmente as ideias que estavam em vigência no Brasil, numa época em que as reformas educacionais voltadas para os princípios escolanovistas estavam sendo (re)interpretadas.

Segundo destacado pelo educador suíço, em 5 de fevereiro de 1931, alguns meses após a frustrante passagem pelo porto da cidade do Rio de Janeiro, o Ministro da Educação e Saúde do Brasil, escreveu uma carta para o *Bureau International d'Éducation*



(BIE) pedindo a ida de um representante para falar sobre o movimento Escola Nova. Prontamente, Ferrière respondeu-lhe manifestando desejo de realizar o empreendimento que não havia sido possível no ano anterior.



**Figura 1** Bureau Internacional de Educação.  
Fonte: BN, Hemeroteca Digital,  
*Diário de Notícias*, 03 de abril de 1931, p. 7



**Figura 2** Bureau Internacional de Educação.  
Fonte: BN, Hemeroteca Digital,  
*Diário de Notícias*, 03 de abril de 1931, p. 7

## BUREAU INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO

Uma carta do professor Adolphe Ferriere ao ministro Francisco Campos

O sr. Francisco Campos acaba de receber a seguinte carta do professor Ferriere:

“Accusamos o recebimento de vossa carta, de 5 de fevereiro, na qual manifestaes o desejo de conhecer mais de perto a obra do Bureau Internacional de Educação e de verificar que vantagens poderiam



auferir os Estados Unidos do Brasil de sua adesão a esta instituição internacional de Genebra. E' para nós motivo de satisfação o interesse que assim revelastes pelo Bureau Internacional de Educação. Seu director, o sr. J. Piaget, terá o prazer de vos responder pessoalmente. Permitti, comtudo, excellencia, que vos declare o meu particular reconhecimento pela vossa mensagem e que vos expresse, ao mesmo tempo, a minha profunda admiração pelos magnificos progressos que está o Brasil em via de realizar nos domínios da Instrucção publica. As revistas que ultimamente tenho recebido do Rio de Janeiro, S. Paulo e de Belo Horizonte, mostram que a reforma, tão necessária em nossa era de transformações scientificas e sociaes, tende a lançar solidas raizes na terra brasileira. Figura 6 Bureau Internacional de Educação. Fonte: BN, Hemeroteca Digital, Diario de Noticias, 3 de abril de 1931, p. 7 Figura 7 Bureau Internacional de Educação. Fonte: BN, Hemeroteca Digital, Diario de Noticias, 3 de abril de 1931, p. 7 53 Melhor talvez que em qualquer outro paiz, parece se ter ahi compreendido que, se a sciencia pedagogica é universal, as applicações devem adaptar-se ás condições presentes no espaço e no tempo, ás crianças a educar, taes como são e segundo as suas aptidões particulares. A escola activa é “uma” nos seus principios, mas as suas applicações devem revestir cem mil formas diversas, segundo as condições locaes: crianças, pessoal docente e recursos disponiveis. Eis o que comprehendem os educadores e dirigentes do Brasil e será nesse sentido que falarei, se realizar-se o voto que me foi manifestado no Rio em outubro: ir pessoalmente verificar os progressos da escola publica brasileira”

Em resposta ao ministro, demonstrou satisfação pelo interesse brasileiro em conhecer melhor as ideias renovadoras colocadas em prática na Europa. Afirmava que “é para nós motivo de satisfação o interesse que assim revelastes pelo Bureau International de Educação” (BUREAU..., *Diário de Notícias*, 03/04/1931, p. 7). Relatou que havia lido algumas revistas sobre a educação brasileira<sup>8</sup> e que “[...] a[s] reforma[s], tão necessária em nossa era de transformações scientificas e sociaes, tende a lançar solidas raizes na terra brasileira” (BUREAU..., *Diário de Notícias*, 03/08/1931, p. 7). Vale destacar que estes impressos possivelmente ajudaram Ferrière a entender um pouco do cenário educacional e sobre as propostas que os adeptos ao movimento escolanovista realizavam no país, de forma que as ideias “vindas” da Europa se enquadrassem na realidade em que estavam inseridos. Essa era a concepção da expansão do movimento, fazer com que seus seguidores ajustassem as propostas de acordo com as necessidades e as demandas governamentais e escolares que faziam parte. Nesse sentido, afirma que “melhor talvez

---

<sup>8</sup> Segundo Carvalho (2007, p. 286) “As revistas que Ferrière tem à mão são os números 1, 2 e 3 do Boletim de Educação Pública, publicados em 1930, pela Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal; e o número 5, de novembro de 1929, da Revista Brasileira de Educação, periódico que se apresenta como “publicação mensal dedicada à Instrução no Brasil”.





que em qualquer outro paiz, parece se ter ahi”, no Brasil, “compreendido que, se a sciencia pedagogica é universal, as applicações devem adaptar-se ás condições presentes no espaço e no tempo, ás crianças a educar, taes como são e segundo as suas aptidões particulares” (BUREAU..., *Diário de Notícias*, 03/08/1931, p. 7).

Apesar de ser conhecido como representante do movimento da Escola Nova, o educador não menciona esse termo. Ao contrário, cita a Escola Ativa. De acordo com Peres (2002), baseado nos ideais escolanovistas, Ferrière fundamenta essa terminologia<sup>9</sup> e é ela que toma como base no processo de divulgação. Nas viagens que realizava, uma de suas principais preocupações era esclarecer os princípios da mesma e apesar de não ter visitado o país de fato, notou, nas revistas que leu, que os representantes reformistas haviam entendido bem as ideias, não só para dentro da sala de aula, mas também como estrutura das mudanças que eram necessárias para se ter um cenário educacional considerado “novo”. Neste sentido, menciona que “suas applicações devem revestir cem mil formas diversas, segundo as condições locais: crianças, pessoal docente e recursos disponiveis” (BUREAU..., *Diário de Notícias*, 03/08/1931, p. 7).

Por fim, demonstra seu interesse em retornar ao Brasil para cumprir o convite que lhe fora feito no ano anterior: “ir pessoalmente verificar os progressos da escola publica brasileira” (BUREAU..., *Diário de Notícias*, 03/08/1931, p. 7). Mostrava-se feliz não só com a adesão do país ao novo modelo educacional, mas, principalmente, por perceber que os educadores e os principais reformistas tinham entendido as propostas do movimento e estavam colocando-as em prática, sempre de acordo com as necessidades no qual estavam inseridos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A publicação da carta de Ferrière evidencia a necessidade de dar visibilidade e destaque as propostas que vinham sendo implementadas na educação brasileira. Apresentar para a população as saudações de um educador estrangeiro se constituiu como importante e sagaz estratégia de legitimar as reformas, a fim tanto de conseguir maior adesão como também de diminuir a resistência de uma outra parte que sempre se forma.

---

<sup>9</sup> A Escola Ativa era um modelo educacional “basead[o] na autonomia dos educandos, na atividade espontânea, no auto-governo, na experiência pessoal da criança, na liberdade, na criatividade, na individualidade e nos métodos ativos” (PERES, 2002, p. 12).



O suíço não só destaca seu contentamento com o que soube a partir das leituras de revistas da educação brasileira, mas também demonstra interesse em ver de perto o que se estava realizando com base no que era pregado na Europa.

Tanto as ideias lançadas, quanto as lutas travadas para que o movimento escolanovista chegasse ao maior número possível de países, se tratando da educação, remetem a compreensão de que para os educadores e políticos da época era necessário moldar as práticas que estavam sendo seguidas. Não é possível afirmar a verdadeira intencionalidade da edição jornalística, ao publicar a carta de Ferrière, que provavelmente não era um leitor do Diário de Notícias. Mas a presença de seu escrito na seção “Cartas de leitores” demonstra uma preocupação em dar visibilidade ao trabalho que vinha sendo proposto e que pretendia pensar o atendimento à escola, às crianças e toda a população carioca e brasileira.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BUREAU INTERNATIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1931, p. 7. Disponível em:  
<[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718\\_01&pasta=ano%20193&pesq=Ferrière](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_01&pasta=ano%20193&pesq=Ferrière)>. Acesso em 25 ago 2020.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolpho Ferrière. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Viagens pedagógicas**. 1 ed. São Paulo: Cortez, p. 277-293, 2007.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CHARTIER, Roger. Práticas de leitura. **Tradução Cristiane Nascimento**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução**. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Org). Novos temas em história da educação brasileira:



instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados, p. 133-150, 2002.

LAMEGO, Valéria. **A farpa na lira - Cecília Meireles na Revolução de 30**. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. História e Imprensa: A Importância e a Contribuição dos Jornais no Conhecimento Histórico. In: **Anais do XIV Encontro Regional de História: 1964-2014: 50 Anos do Golpe Militar no Brasil**. Campo Mourão-PR, p. 822-828, 2014.

LÔBO, Yolanda. Cecília Meireles - Coleção Educadores. 1 ed. Recife: **Editora Massangana**, 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. Viagens de educadores e circulação de modelos pedagógicos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Orgs). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, p. 7-14, 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. A Ilusão do Leitor: reformas do ensino nas cartas de professores publicadas na imprensa do Distrito Federal (1930-1935). 2013 (**mimeo**).

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (curadoria). Exposição Palavras ao vento. Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro: **UERJ**, 2016.